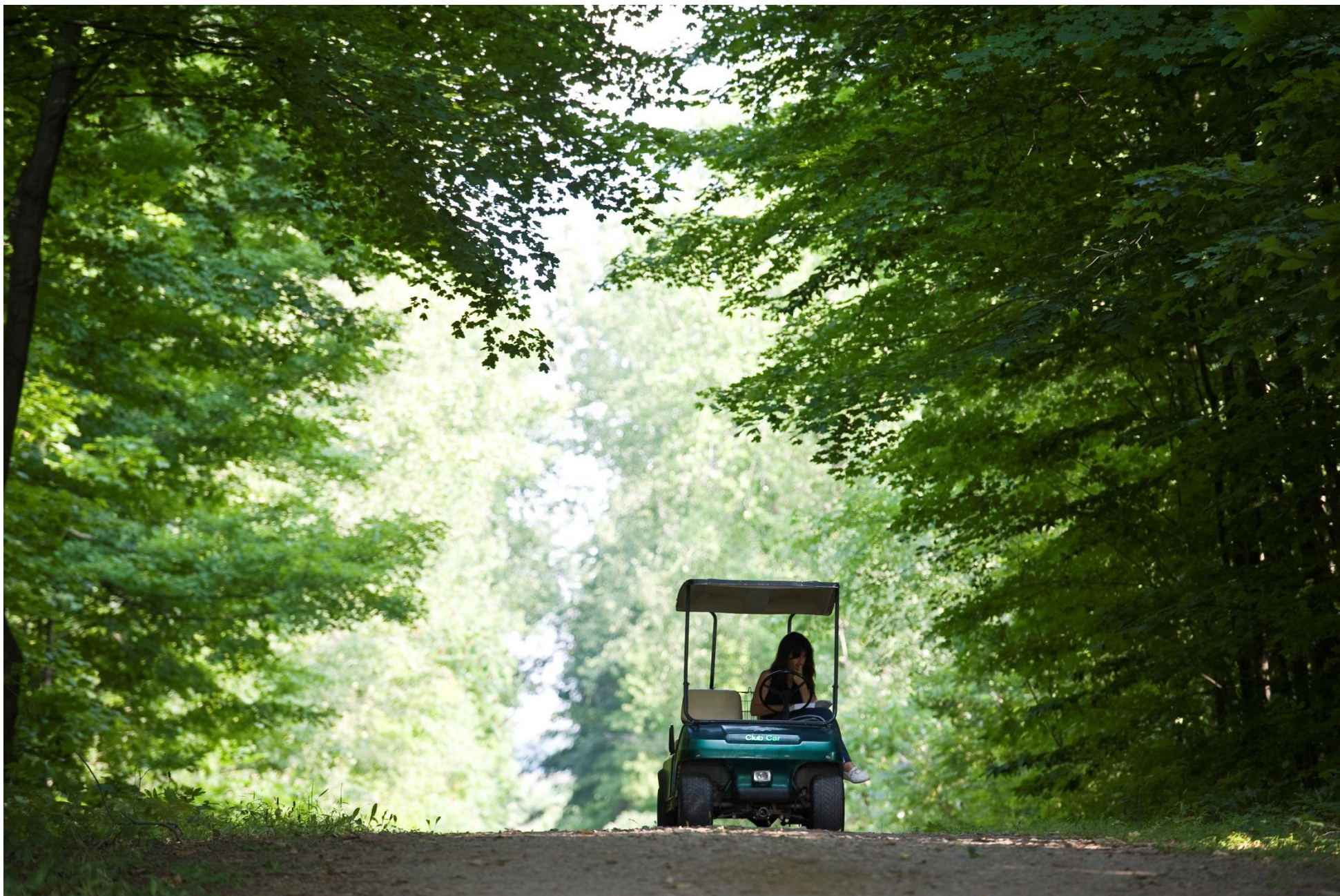




VIC+FLO VIRAM UM URSO

VIC+FLO VIRAM UM URSO

2013, 95 min, Canadá, DCP

Um filme de Denis Côté

Victoria acaba de deixar a prisão. Ela tem 61 anos e quer começar uma vida nova. Vai para a casa de um tio, já doente e inválido, em uma típica "cabane à Sucre" desativada no meio da floresta canadense. Vic espera viver ali com sua amante mais jovem Florence, sua ex-companheira de cela com quem dividiu anos de intimidade na prisão. Sob a supervisão atenta e sistemática de Guillaume, o jovem oficial de condicional, Vic quer fazer a coisa certa e ficar em paz. Mas o passado volta para assombrar Flo. Sinais de ameaça iminente começam a surgir e a floresta parece ter armadilhas traiçoeiras.

ficha técnica

Direção: Denis Côté

Elenco: Pierrette Robitaille, Romane Bohringer, Marc-André Grondin

Roteiro: Denis Côté

Produção: Stéphanie Morissette, Sylvain Corbeil

Diretor de Fotografia: Ian Lagarde

Edição: Nicolas Roy

Som: Frédéric Cloutier

Título Original: Vic+Flo Ont Vu Un Ours

Título em Inglês: Vic+Flo Saw A Bear

Duração: 95 min

Ano: 2013

Distribuição brasileira: Zeta Filmes

Site: www.zetafilmes.com.br/vicflo.php

prêmios e festivais

- » Recebeu o Prêmio Alfred Bauer – Urso de Prata no Festival de Berlim 2013.
- » Bafici (2013)
- » Toronto International Film Festival (2013)
- » Sitges International Fantastic Film Festival of Catalonia (2013)
- » If Istanbul International Independent Film Festival
- » Festival Paris Cinéma (2013)
- » 57th BFI London Film Festival
- » Vancouver International Film Festival (2013)
- » Melbourne International Film Festival (2013)
- » Seattle International Film Festival (2013)
- » Sydney Film Festival (2013)
- » 48th Karlovy Vary
- » CPH PIX (2013)

sobre o diretor

Denis Côté nasceu na província de New Brunswick, em 1973, e hoje vive e trabalha em Montreal (Canadá). Ex-crítico de cinema, produtor e cineasta independente, estudou cinema no Collège Ahuntsic, em Montreal, fundou a nihilproductions por volta de 1994 e realizou cerca de quinze curtas. Trabalhou como crítico de cinema em rádio de 1999 a 2005. Seu primeiro longa-

metragem, *Les États Nordiques* (2005) recebeu o Leopardo de Ouro no Festival de Locarno. *Com Elle veut le chaos* (2008), Côté ganhou o prêmio de Melhor Diretor no Festival de Locarno. *Carcasses* (2009), que foi concebido durante sua residência artística numa região do litoral sul de Montreal e estreou na Quinzena dos Diretores em Cannes. O trabalho seguinte, *Curling* (2010), recebeu prêmios de Melhor Diretor e Melhor Ator em Locarno e recebeu três indicações ao Prêmio Jutra, considerado o "Oscar" de Quebec. *Bestiaire* (2012), uma coprodução Canadá-França, lançada em Berlim na seção Fórum e em Sundance, foi listada pelo New York Times entre os "Melhores Filmes que Talvez Você Tenha Perdido em 2012." Desde 2008, a obra de Côté tem sido objeto de várias retrospectivas realizadas em Montreal, Viena, Toronto, Seattle, São Petersburgo, Paris, Nova Iorque e Praga.

Filmografia

- 2012 | Bestiare
- 2010 | Curling
- 2009 | Carcassesm
- 2008 | Elle veut le chaos
- 2007 | Nos vies privées
- 2005 | Les états nordiques

Curtas: Des tortues dans la pluie (1997), Mieux (1998), Old Fashion Waltz (2000), Seconde valse (2000), Kosovolove (2000), Rejoue-moi ce vieux mélodrame (2001), Les petits Cagney (2001), Rejoue-moi ce vieux mélodrame (2001), L'hypoténuse (2002), Mécanique de l'assassin (2002), La sphatte (2003), Les jouets (2005), Tennessee (2005), Maité (2007), Les lignes ennemies (2010).





***Vic+Flo Viram um Urso* é o seu sétimo longa-metragem, mas apenas o terceiro, depois de *All That She Wants* (2008) e *Curling* (2010), que não apresenta elementos do *cinéma vérité*. Qual é a sua opinião atual sobre essa tendência mais clássica da narrativa cinematográfica?**

Embora tenha tentado desafiar a mim mesmo ao tratar da noção de realidade em *Carcasses* e *Bestiaire*, ainda preciso escrever histórias mais elaboradas que envolvem emoções específicas. Não quero depender apenas de mim o tempo todo, preciso das contribuições dos atores e de outros parceiros criativos. Encontrar oportunidades nesses dois polos do cinema tornou-se uma necessidade para mim.

***Vic+Flo Viram um Urso* é mais conduzido pelos personagens e pelos diálogos do que seus outros filmes. Qual foi a postura dramática original dessa história?**

A arte do diálogo é algo que me inspira cada vez mais, com o passar do tempo. É muito difícil escrever um diálogo significativo, mas a intenção estava lá desde os primeiros rascunhos de *Vic+Flo*. O outro desafio foi escrever papéis femininos fortes. Não tinha feito isso com frequência e estava ansioso. Não sei se fui bem sucedido nesse ponto.

Elementos recorrentes que já existiam em *All That She Wants*, *Curling* ou até mesmo em *Carcasses* também estão na base de *Vic+Flo*, tais como os personagens não-conformistas que tentam viver suas vidas fora da sociedade por causa de sua falta de fé na capacidade dos outros em satisfazerem suas necessidades íntimas, profissionais ou espirituais. Ficam no canto deles ou, pelo menos, hesitam em viver de acordo com os códigos da sociedade.

Parei de tentar me reinventar. Estamos sempre fazendo o mesmo filme, de um jeito ou de outro. Você precisa aprender a desenvolver algum tipo de atmosfera para obter novas perspectivas sobre o processo de contar histórias, as emoções e a caracterização. Só estou tentando aprender alguma coisa com cada filme, para fazer melhor da próxima vez. Em *Vic+Flo* procurei criar um determinado tipo de história, na qual aquilo que parece ser um caso de amor é atingido por uma força centrífuga que leva a um desfecho inesperado, entre o trágico e o grotesco.

Pierrette Robitaille, uma das atrizes principais do filme, é bem conhecida em Québec devido a seu talento para comédia. Em *Vic+Flo* ela teve de interpretar um personagem muito mais difícil. Como ela se tornou Victoria?

Tento, na medida do possível, evitar decisões óbvias durante o processo de filmagem. Do início ao fim, eu me perguntava: “Por que ela, por quê?” Sabia que o público de Québec faria a mesma pergunta: “Por que cargas d’água ele a escolheu?” No filme, Pierrette Robitaille é *aquela que não deveria estar na tela*. No final, talvez por causa da peculiaridade dessa escolha, ela conseguiu abraçar a tela com maestria e seu trabalho é de alto nível. Às vezes, o ato de ir contra a corrente se torna um poderoso recurso criativo.



Como foi a evolução de sua relação com os atores, desde *Our Private Lives* até *Curling* e, mais recentemente, durante as filmagens de *Vic+Flo*?

Posso entendê-los um pouco melhor agora. Preciso admitir que tinha mais medo deles durante meus primeiros filmes; costumava atender a maioria de seus pedidos! Hoje, sinto-me mais confiante ao ser exigente com eles, mais específico sobre o que eu posso ou preciso obter deles. Aprendi que eles estão geralmente inclinados a cooperar, já que a maioria dos atores com os quais trabalhei prefere um diretor que esteja no comando, que tentará tudo o que for necessário para obter aquilo que deseja; na verdade, eles gostam do caminho mais difícil! Em certo sentido, é uma sensação reconfortante. Acredito que um cineasta não deve se intimidar com os atores, mesmo com os mais experientes. Talvez eu tenha percebido isso ao trabalhar com atores não-profissionais nos últimos anos.

Em seus filmes de ficção e seus projetos mais experimentais, tais como *Les lignes ennemies*, o campo e a floresta governam a tela, enquanto os personagens se movimentam e interagem com o resto do mundo de forma limitada. Qual perspectiva de urbanidade e sociabilidade você compartilha com seus personagens?

Tenho a impressão de que um ambiente rural dá mais liberdade para os meus personagens. Você pode fazer coisas incríveis na floresta! As cidades são dominadas por códigos e se eu fosse fazer um filme urbano, ele seria centrado em regras e contingências. Ainda estou em uma fase de aprendizagem, na qual a principal preocupação é desenhar personagens cujas identidades são moldadas por sua falta de vontade em fazer o que a sociedade espera deles. Também estou bem consciente de que meus personagens não se movimentam muito. A razão é simples: odeio assistir sequências de transição e inserir nos filmes imagens tais como nuvens em lapsos de tempo. Em meus filmes, os personagens já estão no quadro, eles entram e saem de tal forma que o público não precisa necessariamente vê-los chegando e partindo. Espero que eles possam lidar com mais elipses do que estão acostumados ao assistirem aos filmes de hoje.

O poder, a autoridade e a resistência à liberdade dos outros são frequentemente evocados em seus filmes. Como isso afeta a relação de Victoria e Florence?

Em *Curling*, Jean-François, o personagem principal, hesita muito antes de abraçar um comportamento social; seus erros foram o tema condutor da narrativa. Tudo era frágil, estava à beira do colapso: talvez ele não estivesse destinado a viver entre outras pessoas. Em *Vic+Flo*, os personagens principais têm vivido plenamente e não veem mais sentido em mudar e se encaixar. O resto do mundo pode ir para o inferno! Em muitos aspectos, este filme é menos evasivo, mais simples do que *Curling*.

Os elementos de gênero ocupam um lugar mais central em *Vic+Flo* Viram um Urso do que em seus filmes anteriores. Qual é a sua relação com o cinema de gênero?

Quando era adolescente, vi todos os filmes de terror que pude. Hitchcock, Franju, Argento, Tarantino e, mais recentemente, Winding Refn com *Drive*: filmes de autor inspirados em elementos de gênero podem ser bastante interessantes; quando o equilíbrio está correto, eles se tornam híbridos emocionantes, especialmente os filmes que não são estritamente homenagens ou imitações. Mas isso é uma coisa difícil de alcançar.

Você já trabalhou com não-profissionais, pessoas com transtornos de desenvolvimento, animais... qual foi a restrição mais difícil durante as filmagens de *Vic+Flo*?

Pela primeira vez, tive de lidar com atores com origens e personalidades completamente diferentes. Pierrette Robitaille (Victoria) é uma distinta e experiente atriz de teatro e televisão com pouca experiência no cinema de autor, por isso tivemos de fazê-la se sentir à vontade. Quanto a Marc-André Grondin (Guillaume), trata-se de um jovem ator incrivelmente talentoso, com uma atitude extremamente profissional. Ele quer ser rápido e fazer algo significativo. Sua paixão e devoção durante a filmagem foi algo que observamos constantemente para valorizar e honrar. Ele me ajudou a permanecer focado e organizado. E também havia Romane Boringher (Florence), que tem a mesma idade que eu e compartilha de alguns de meus interesses. Ela tem esse tipo de força tranquila que me acalmava durante as filmagens. No final, tive de administrar o grupo focalizando uma personalidade de cada vez.

Você dirigiu *Drifting States*, seu primeiro longa-metragem, quase dez anos atrás. Em retrospecto, como o seu cinema evoluiu desde seus primeiros trabalhos?

De um projeto a outro, não há outra possibilidade a não ser mudar a forma como vemos o mundo. Senti um forte desejo de fazer filmes há cinco ou dez anos; era provavelmente meu jeito de causar comoção no meio cinematográfico. Isso ainda é importante para mim, mas as minhas motivações mudaram. Lidar com a “realidade” já não me interessa tanto quanto antes, seja como cinéfilo ou cineasta. Então, minhas novas ideias são menos dependentes da lógica e do realismo psicológico. O filme, como espetáculo, é algo que fala comigo de uma forma mais convincente hoje.

Pierrette ROBITAILLE

Romane BOHRINGER

Marc-André GRONDIN

VIC+FLO

VIRAM UM URSO

Um filme de DENIS CÔTÉ

 **Silver Bear**
Alfred-Bauer-Preis
63^e Internationale
Filmfestspiele
Berlin



COM MARIE BRASSARD OLIVIER AUBIN PIER-LUC FUNK GEORGES MOLNAR

DIRETOR DE FOTOGRAFIA IAN LAGARDE SOM FRÉDÉRIC CLOUTIER DIREÇÃO DE ARTE COLOMBE RABY MONTAGEM NICOLAS ROY

PRODUTORA ASSOCIADA NANCY GRANT PRODUÇÃO STÉPHANIE MORISSETTE SYLVAIN CORBEIL ROTEIRO E DIREÇÃO DE DENIS CÔTÉ

FILMS Boutique

SODEC
Québec 2002

TELEFILM
CANADA

Québec 2002

Canada

SE SUPER
ECRAN

la maison
du prod

metafilms

Z ZETA FILMES